

# Geo-história, Geografia Política e Geopolítica — uma questão de Sinonímia?

*Arlene M. Maykote Prates (\*)*

Ao iniciarmos a programação da disciplina Geo-história na UFSC, sentimos, entre os autores, uma insegurança no que toca à definição do termo, encarado ora como sinônimo de Geopolítica, ora como ramo da Geografia Histórica, e até mesmo como matéria ligada à Geografia das Regiões-Históricas.

A idéia de escrever o presente artigo surgiu da necessidade de expor considerações em torno do significado conceitual dos termos acima enumerados.

Alguns anos após o surgimento da Geografia como ciência autônoma, com a obra de Alexandro Von Humboldt, que praticamente dedicou seu trabalho ao estudo do "meio físico", Frederico Ratzel foi o primeiro geógrafo a dar ênfase às relações entre o homem e o meio físico. Para ele, na História da Humanidade existiam dois elementos de permanência, o homem no sentido amplo da palavra, e o solo, ou seja, o meio geográfico com seus acidentes. Estes dois elementos viviam em interação e esta poderia ser objeto de investigação científica. Assim, o estudo das relações entre o homem e o meio físico passou a ser objeto de suas investigações, surgindo, em consequência, duas obras que deram início a dois ramos da Geografia Moderna, Antropogeographie (Geografia Humana) e Politische Geographie (Geografia Política).

Nesta última obra, Ratzel se apoiou em Spencer, do qual extraiu a noção de "sociedade como organismo vivo" que nasce, e morre. Para seu desenvolvimento toda sociedade necessita de um "Espaço Vital", sem o qual vem a perecer. Por outro lado, as idéias de Darwin também o influenciaram (Teoria de Seleção Natural e Sobrevivência do Mais Forte), levando-o a aplicá-las à Geografia.

---

(\*) — Professora do Departamento de Geociências, e Mestre em História pela UFSC.

Assim, o Estado, sob a ótica de Ratzel se comportaria como um organismo vivo, cujas condições de sobrevivência seriam determinadas pelo meio natural. Igualmente como luta das espécies pelo domínio do espaço, também o Estado deveria encetar igual batalha vital a sua subsistência e crescimento (Teoria do Espaço Vital).

Surgiu assim a Geografia Política (1897) que estuda o espaço natural em que se desenvolveu e se desenvolve o Estado em sua estrutura atual.

Outros autores, dedicaram-se a seguir à Geografia Política, a qual recebeu novos adeptos tanto na Alemanha, como na Inglaterra, Estados Unidos e França. Neste último país, C. Vallaux, analisando a "Teoria do Espaço Vital", lançada por Ratzel, salienta ser esta a parte mais criticável da obra do geógrafo germânico que não vai além de "uma canção, em termos científicos, em honra do imperialismo alemão, ávido de expansão e de conquistas"<sup>(1)</sup>.

Retificando as teorias do geógrafo teuto, afastando seus exageros e conservando algumas idéias de sua obra, como a da posição geográfica, Vallaux vem contribuir teoricamente para a geografia política através do desenvolvimento da chamada "Teoria dos Espaços Diferenciados", segundo a qual "há tendência permanente à formação de Estados autônomos nas regiões geográficas melhor diferenciadas, e a atividade dos Estados formados nessas regiões os impulsiona a estenderem-se até as regiões menos diferenciadas"<sup>(2)</sup>.

Em primeira análise pode-se concluir que o geógrafo francês ao relacionar espaços diferenciados ou não com a formação de Estados adota a mesma idéia de Ratzel, pois apóia-se em fatos físicos para explicar fatos sociais, como a organização de Estados. No entanto Vallaux vai além ao relacionar as diferenças físicas, diversidades e contrastes físicos com a atividade humana, afirmando que os contrastes físicos se não modelam o homem inteiramente, moldam-nos suficientemente para lhes dar o toque essencial que os tornam estranhos perante os habitantes de outro ambiente, e por conseguinte seus inimigos. É portanto nas regiões onde se encon-

---

(1) VALLAUX, C. — *O Solo e o Estado*. Daniel Jorro, Editor Madrid, 1914, p. 1:69

(2) VALLAUX, C. — *Op. Cit.* p. 209

tra maior número de elementos de diferenciações, tais como desigualdades de costumes e idéias que iremos encontrar choques a fomentar campo propício ao surgimento natural dos Estados<sup>(3)</sup>.

Conclui-se, por conseguinte, que de acordo com Vallaux não são as diferenciações do meio físico em si que propiciarão as condições essenciais para formação de um Estado, mas sim as influências dessas diferenciações sobre a relação homem meio-ambiente. Uma sociedade humana habitante da floresta relacionar-se-á com o meio ambiente de modo diverso daquela dos habitantes das estepes ou do deserto. Esta diferença de relacionamento entre os diversos grupos humanos com meios naturais distintos, torná-los-á estranhos entre si, e por conseguinte, inimigos. É através do choque, da luta e da guerra, que surgem os elementos necessários à formação de Estados. Assim, Vallaux, apesar da crítica que desenvolveu em relação ao trabalho de Ratzel, chega a conclusões semelhantes quando subordina indiretamente a formação de um Estado ao meio ambiente.

A partir da segunda década do século XX, Rudolf Kjellen, político e sociólogo sueco passou a difundir o uso do vocábulo "Geopolítica", definindo-o não como ramo da Geografia, mas sim da Política<sup>(4)</sup>. Aos poucos, o termo passou a ter uso corrente, porém, nem sempre exato, eis que não raras vezes chegou a ser confundido com "Geografia Política".

Esta confusão aumentou no período compreendido entre 1924 e 1945, face à atuação do geógrafo e militar alemão Haushofer. Este, como partidário de Adolf Hitler passou a desenvolver uma geopolítica a serviço do nazismo, definindo-a como "ciência que determina e condiciona a evolução política do soldo<sup>(5)</sup>".

Terminado o Segundo Conflito Mundial, tudo levava a crer que a geografia política estava fadada ao desaparecimento como disciplina científica. Isto no entanto, não ocorreu, e alguns esclarecimentos tornam-se necessários. No nosso entender, Geopolítica é a Política desenvolvida por um estado em decorrência de suas

---

(3) VALLAUX, C. — Op. Cit. p. 211

(4) BACKEUSER, E. — Geopolítica e Geografia Política In. Revista Brasileira de Geografia. C.N.G., Jan.— Mar. 1942 p. 12

(5) SODRÉ, N.W. — Introdução à Geografia — Vozes p. 61

condições geográficas. É portanto um ramo da Política orientado para o estudo do Estado como organismo geográfico.

Para Maull, a Geopolítica seria uma Geografia Política aplicada, ou melhor, a política desenvolvida pelo Estado, tendo por base os conhecimentos geográficos desse mesmo estado<sup>(6)</sup>. Assim, a Geografia Política (ramo da Geografia) forneceria as bases para o desenvolvimento de uma política de Estado (Geopolítica) visando seu desenvolvimento.

Sodré, no entanto, afirma que Geopolítica é uma Geografia deformada, representada por uma trilha ideológica desenvolvida para justificar o imperialismo. Neste sentido é desprovida de qualquer sentido científico e portanto é marginal e estranha à verdadeira geografia<sup>(7)</sup>.

## GEOPOLÍTICA E GEO-HISTÓRIA

Apesar da situação em que ficou em 1945, tendo sua reputação inferiorizada em relação aos diversos ramos da ciência geográfica, a Geografia Política acabou por receber vários adeptos que lhe forneceram novos conceitos, metodologia e abordagens. Entre esses salientam-se os americanos Sprout e Whittlesey e o austríaco Hassinger.

A despeito de estudos posteriores, tanto no que toca ao campo conceitual quanto ao metodológico, não se chegou a um consenso sobre o real conceito da Geografia Política. Seis concepções diferentes podem ser enumeradas: a fixista ou estatal (Hartshorne), a panorâmica ou internacional (Cohen), a utilitarista (Jackson), a ecológica (Modie), a dinâmica (Kasperson), e a integradora (Pounds)<sup>(8)</sup>.

A primeira estuda o Estado com suas fronteiras, divisões políticas e seus recursos; em suma, as forças, riquezas e limitações inerentes ao meio geográfico de um Estado.

---

(6) MAULL, O. — Geografia Política — Barcelona, Ed. Omega S/A, 1960 p. 26

(7) SODRE, N. W. — Introdução à Geografia — Petrópolis, Vozes, 1977 p. 70-1.

(8) SANGUIN, A. L. — A Evolução e Renovação da Geografia Política. In. Boletim Geográfico nº 252, IBGE, Jan. — Mar. 1977 p. 5-23.

Para a corrente panorâmica, a Geografia Política aborda relações internacionais, enquanto que a utilitarista aprecia aspectos referentes à viabilidade política do Estado. Já o estudo das relações entre o Estado e o meio ambiente é objeto da Geografia Política Ecológica. A corrente dinâmica aproxima-se da Geopolítica, quando focaliza as relações internas e externas do Estado. Finalmente, a corrente integradora apresenta uma tentativa de síntese de todas as correntes citadas anteriormente<sup>(9)</sup>.

Dentro da vasta gama de reações aos termos Geopolítica e Geografia Política, surgiu na universidade de Barcelona, J. Vicens Vives, que viveu na Espanha durante o período "Franquista", e através de sua obra (Tratado General de Geopolítica) retorna às teses deterministas. Aliás, o autor já havia publicado, em 1940, em plena 2ª Guerra Mundial, uma obra intitulada "Espanha, Geopolítica del Estado y del Imperio", na qual põe à mostra as mesmas deformações ideológicas desenvolvidas pela escola Geopolítica do entre-guerra.

Na segunda obra Vives acentua seu propósito de não se desviar da pura ciência histórica e geográfica. Tinha em mente, inclusive, batizar sua obra não de Geopolítica, mas de "Geo-história", procurando através da interpretação do espaço geográfico do Estado, explicar sua atualidade histórica<sup>(10)</sup>.

Vives achou que, utilizando o termo "Geo-história", poderia fugir ao ranço nazista que havia impregnado o termo Geopolítica. Com este novo termo, procurou demonstrar, segundo suas próprias palavras, a atualidade científica e neutra de seus estudos. Segundo seu ponto de vista, seu modo de pensar seria coincidente com o do grande historiador francês Fernand Braudel, exposto no primeiro volume da obra "La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'époque de Philippe II". Esperava Vives que, lentamente, o termo Geopolítica fosse substituído por "Geo-história", mais suave e menos agressivo que o primeiro. Sua obra porém, acabou por se assemelhar à de outros geopolíticos da época, desencorajando-o inclu-

---

(9) SANGUIN, A. L. — Op. Cit. P. 5-23

(10) VIVES, J. Vicens — Tratado General de Geopolítica — Barcelona, Ed. Vicens-Vives, S/A. 240 p.

sive de utilizar o termo "Geo-história" como título principal. Portanto, para Vives, "Geo-história" ou Geopolítica têm igual significado, embora não o expressem diretamente. O uso de um ou outro termo visa apenas suavizar ou não uma terminologia já utilizada, a fim de demonstrar sua independência de conotações comprometidas em essa ou aquela ideologia.

No Brasil, entre os adeptos da nova nomenclatura proposta por Vives, pode ser citada Terezinha de Castro, que elaborou uma obra intitulada "Estudos de "Geo-história", na qual aborda questões de fronteiras e limites, características das capitais de Estados, movimentos expansionistas, guerra fria e imperialismo, etc<sup>(11)</sup>. São todos termos usados tanto pela Geografia Política como pela Geopolítica, quando enfocam tendências da evolução internacional. Não é dentro deste contexto, no entanto, que Fernand Braudel, propõe a adoção da nova terminologia. Para Braudel, que propugna pela integração dos diversos ramos das ciências Humanas, "Geo-história" deveria ser utilizada para integrar geógrafos e historiadores sob o mesmo objetivo, ou seja, fazer com que o historiador passasse a se preocupar mais com o espaço geográfico e o geógrafo mais com o tempo. Segundo Jules Sion, "O Geógrafo não deve abordar tão amplos e perigosos assuntos de História. Quando muito, por ter outra formação e ser animado de curiosidade diversas das do historiador, pode ele esperar, por vezes, chamar atenção para novos pontos de vista, renovar uma questão ao insistir sobre fatores naturais até então negligenciados, suscitar problemas, mesmo sem estar equipados para resolvê-los. Seus erros podem ser fecundos em verdades. Mas isto sob a condição... de saber a maneira de trabalho do Historiador como historiador e como geógrafo"<sup>(12)</sup>.

Não é esta, no entanto a opinião de Braudel, para o qual seriam exatamente estes objetivos finais aqueles que deveriam ser seguidos de perto por geógrafos e historiadores, isto é, obrigar os geógrafos a conceder maior atenção ao tempo e os historiadores a

---

(11) CASTRO, T. — Estudos de "Geo-história" — Rio de Janeiro, Distribuidora Record, 1971, 155 p.

(12) GLENISSON, J. — Iniciação aos Estudos Históricos — Rio de Janeiro, DIFEL, 1979, p. 67

inquietares-se com o espaço e com o que sobre ele existe<sup>(13)</sup>.

O citado historiador francês, propõe a decomposição do tempo histórico em três diferentes escalas: o tempo de curta duração ou dos eventos, tempo de média duração ou das flutuações cíclicas e o tempo de longa duração, onde as mudanças são tão lentas que se tornam muitas vezes imperceptíveis ao observador.

É dentro desta última escala, que estudaria "uma história quase imóvel, a do homem em suas relações com o meio que o cerca", que o autor coloca a "Geo-história", uma geografia histórica estrutural dedicada a estudar as relações fixas, ou quase fixas, entre o homem e o meio geográfico. Seria, na realidade, segundo proposição do mesmo autor, uma geografia do passado, diferente da tradicional geografia histórica, por ser mais ampla, e não apenas preocupada com o estudo das fronteiras e das circunscrições administrativas.

Braudel, ao estudar o mundo Mediterrâneo do século XVI faz, no primeiro volume de sua obra, não uma "Geo-história" com conotações geopolíticas ou de geografia política, pois não trata de uma geografia que tem por base espacial a área ocupada por um Estado, mas sim uma Geo-história integrada em um dos ramos da geografia histórica. aquele que estuda a geografia de uma região em uma determinada época do passado histórico. Na realidade estuda a organização do espaço geográfico de uma região natural, em um período anterior ao atual, verificando neste mesmo espaço os traços permanentes que o caracterizam durante todo aquele período.

## CONCLUSÃO

Nestas condições, pode-se relacionar o termo "Geo-história" a duas correntes específicas, cada uma delas com conotações próprias. A corrente ligada à Geografia Política e à Geopolítica, onde são estudados elementos e fatores que levam o Estado a sobreviver

---

(13) BRAUDEL, F. — El Mediterráneo y El Mundo Mediterráneo Em La Epoca de Felipe II. Fondo de Cultura Económica, p. 317-8.

e as condições que o levaram a se firmar como tal. Neste grupo enquadrámos os estudos de J. Vicens-Vives e Therezinha de Castro.

Em um segundo grupo, poderíamos enquadrar os estudos de Fernand Braudel no primeiro volume da obra "La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l' époque de Felipe II". Neste caso, os escritos apresentam-se como um ramo da Geografia Histórica que, aliás, tem apresentado enfoques diversos de uma época para outra, ora esclarecendo um aspecto ora outro.<sup>(14)</sup>

A "Geo-história" seria dentro deste contexto, um ramo da geografia-histórica orientado para a exposição dos principais traços da Geografia Física e Humana, de uma área natural no passado, em que se estudam as ações históricas de uma sociedade cultural.

Portanto, entre as duas correntes há evidentes divergências. Enquanto Vives apresenta a "Geo-história" como a ciência geográfica das sociedades históricas organizadas sobre o espaço natural, a "Geo-história" proposta por Braudel tem por objeto a sociedade cultural em relacionamento com uma região natural.

---

(14) PRINCE. H. C. «*Progress in Historical Geography*» Ed. by Cooke and J. H. Johnson. Pergamos Press. Oxford. 1960.